

UM LITERATO, FELIZMENTE

FRANCISCO ALVIM

Comentei, por telefone, com um amigo, o livro "Ensaio da Mão Canhestra", que a Polis recentemente editou, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, e ouvi dele: "Brito Broca faz ensaio como se fizesse ficção". Percebi a justiça da opinião. De fato, um texto de Brito Broca capta o leitor por algo muito próximo ao que seria o trecho na prosa de ficção, algo que, em última instância, resultasse daquele plano meio feiticheiro da imaginação - plano este que, não se pode dizer, seja do particular agrado da maioria dos críticos.

Basta ler o ensaio sobre Raul Pompéia, um dos pontos altos deste livro, para se provar aquela sensação semelhante à que provoca um bom romance; isto não significa, todavia, que se perca de vista a razão mesma do ensaio, que é, obviamente, uma razão crítica. Um texto que fala por todos os poros, como se resultasse de um olhar sôfrego, temeroso de deixar escapar tudo que percebe em um autor, cuja sensibilidade passa a perseguir, na obra e fora dela.

A biografia de Pompéia é comovidamente narrada. Entrelaçando-se com ela, toda uma época desfila sob nossos olhos: as violentas paixões políticas que então polarizavam intelectuais e artistas em duas facções - a dos florianistas, adeptos do Marechal de Ferro, entre os quais figurava Pompéia, e a dos antiflorianistas, como Bilac (que até exilado esteve em Ouro Preto) e Lima Barreto, que abominavam o autocratismo e a frieza de ânimo de nosso segundo presidente. Na raiz desses embates está o motivo do duelo frustrado de Pompéia com Bilac e a causa aparente de seu suicídio, anos depois.

Mas por trás dos fatos, sente-se que aquilo que interessa a Brito Broca é, num primeiro passo, denunciar a natureza contraditória de Pompéia: de um lado o escritor e o homem público combativo, à procura do risco e da briga, de outro o homem extremamente emotivo e hipersensível, nada adequado a uma realidade de violências e lutas - para em seguida, apresentar ao leitor, de corpo inteiro, através desses cortes biográficos e de época, a atmosfera essencial que suscitam os textos de Pompéia.

Num outro ensaio - Introdução à Literatura Brasileira - talvez o mais importante da coletânea - no qual nos dá, em cerca de 60 páginas, uma síntese brilhante da evolução da crítica no Brasil, essas qualidades de imaginação são deslocadas do plano histórico-biográfico para o da crítica de idéias: ainda aqui sente-se o dado informativo e erudito sob o domínio de um estilo claro e imaginoso, que o disfarça cuidadosamente e que não perde de vista o principal alvo do autor: captar o interesse do leitor, que sai dessas páginas como se tivesse convivido em profundidade com os principais momentos de nossa crítica, sabendo os contornos de figuras como Silvio Romero e José Veríssimo, Alceu de Amoroso Lima e Antonio Candido.

O livro tem mais dois ensaios de literatura brasileira, um sobre Coelho Neto, em que propõe a reabilitação deste escritor - bête noire dos modernistas e outro sobre Alencar. Em ambos a mesma competência literária: mais a mesma paixão pela literatura e forte sentimento de brasilidade. Não resisto à candura da afirmação: lendo Brito Broca, a gente sente como a literatura brasileira é interessante.

Há ainda ensaios sobre autores estrangeiros: Tolstoi, De Quincey, Dostoievski, Cervantes, Largekvist e Goethe. Mas falta a esses, a despeito do mesmo tratamento competente, a qualidade dos textos dedicados aos brasileiros. Ressentem-se das carências de quem não viveu, por dentro, esses autores a partir de uma convivência aprofundada com as respectivas literaturas.

É uma sorte que circunstâncias de trabalho tenham reunido nas dependências do antigo Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, Alexandre Eulálio e Brito Broca, dois apaixonados da literatura. Assim estabeleceram-se laços que se prolongariam para além da morte do autor dos "Ensaio da Mão Canhestra", que vai encontrar no amigo daquele velho 4º andar da Biblioteca Nacional, onde funcionava o INL, o responsável pela edição cuidadosa de sua obra completa. As páginas de Brito Broca são um convite à convivência com a literatura. É bastante significativo (e quão-brasileiro!) constatar que, na origem do processo que iria levar à organização delas e à sua divulgação no corpo abrangente da obra completa, está o simples convívio, numa repartição pública, de dois escritores.

Texto publicado na **Folha de S. Paulo** em 03/09/1982.